

A psicologia segundo a epistemologia pluralizada

Psychology according to the pluralized epistemology

Renato Rodrigues Kinouchi¹

[1] Centro de Ciências Naturais e Humanas, Universidade Federal do ABC (UFABC) | **Título abreviado:** Psicologia e epistemologia pluralizada | **Endereço para correspondência:** Rua Dom Lara, 545. São Vicente-SP. CEP 11390-140 | **Email:** renato.kinouchi@gmail.com | **doi:** org/10.18761/JADA03300

Resumo: Este trabalho comenta as relações entre a epistemologia e a história da psicologia discutidas por José Antônio Damásio Abib. Primeiramente, mostra que a adoção de uma visão unitária da epistemologia leva o historiador da psicologia a uma aporia, pois, em decorrência da falta de unidade do campo psicológico, não seria possível se fazer história de uma ciência que ainda não se unificou. Por outro lado, a adoção de uma visão pluralista da epistemologia leva a uma história da cultura psicológica capaz de acomodar e dar sentido ao fato de que os projetos de psicologia científica de Wundt e James possuíam diferenças muito significativas. Por fim, salienta-se que a epistemologia unificada tem um outro efeito indesejado, a saber, o de empobrecer o debate ao impedir que diferentes interpretações sejam mobilizadas na pesquisa.

Palavras-chave: epistemologia pluralizada, epistemologia unitária, história da psicologia, filosofia da psicologia.

Abstract: This work comments on the relationships between epistemology and the history of psychology discussed by José Antônio Damásio Abib. First, it shows that the adoption of a unitary view of epistemology leads the historian of psychology to an aporia, because, due to the lack of unity in the psychological field, it would not be possible to make the history of such a science that has not been unified yet. On the other hand, the adoption of a pluralist view of epistemology leads to a history of psychological culture capable of accommodating and making sense of the fact that Wundt's and James' scientific psychology projects had very significant differences. Finally, it is emphasized that unified epistemology has another unwanted effect, namely, that of impoverishing the debate by preventing different interpretations from being mobilized in the research.

Keywords: pluralized epistemology, unitary epistemology, history of psychology, philosophy of psychology.

No ano de 2009, tive a satisfação de organizar um número especial da revista *Scientiae Studia* inteiramente dedicado aos fundamentos da psicologia no século XX. Nesse volume constam textos sobre vários autores importantes na história da psicologia, a saber:

- *Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt* (Araújo, 2009);
- *A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e humanas* (Simanke, 2009);
- *O projeto de psicologia científica de Edward Tolman* (Lopes, 2009);
- *Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no behaviorismo radical* (Laurenti, 2009);
- *Inconsciente, cérebro e consciência: Reflexão sobre os fundamentos da metapsicologia freudiana* (Caropreso, 2009);
- *Tão perto, tão distante: William James e a psicologia contemporânea* (Kinouchi, 2009b).

O volume conta ainda com uma reflexão autoral sobre *A expressão da modularidade cerebral*, escrita por César Ades (2009), e uma entrevista com Arno Engelmann (Kinouchi, 2009a). Para abrir um volume tão variado, era preciso uma reflexão sobre a pluralidade das visões que compõem a chamada psicologia científica, tarefa generosamente tomada para si pelo professor Abib, no artigo intitulado *Epistemologia pluralizada e história da psicologia*, o qual será objeto desta minha reflexão.

A psicologia e a unidade da ciência

Em seu texto, Abib (2009) compara a história da psicologia quando é vista a partir da epistemologia unitária e a partir da epistemologia pluralizada. Primeiramente, a epistemologia unitária é definida como sendo a teoria segundo a qual o conhecimento é unitário e, por ser uma forma de conhecimento, a psicologia também o é. Desse ponto de vista, haveria *uma* história da psicologia que pertenceria ao gênero maior da história da ciência, havendo

uma clara delimitação entre o que pertence à história da psicologia e o que pertence à pré-história da psicologia.

Acredito haver ao menos dois motivos – não razões – para a força da visão unitária da epistemologia, um remoto e outro mais próximo. Se olharmos para a história da filosofia como um todo, veremos uma multiplicidade de filosofias que se instauram como sistemas de ideias supostamente capazes de dar sentido ao mundo e à própria reflexão filosófica. Por força da própria natureza da tarefa, cada uma delas empenha-se em justificar que é a única verdadeira filosofia, mas elas só podem realizar isso mediante a mútua e recíproca exclusão, resultando no perene conflito das filosofias. Ora, isso também significa que só pode haver uma única teoria do conhecimento verdadeira, aquela pertencente à filosofia triunfante. Algo tal como uma epistemologia pluralizada seria um sofisma bem conhecido, o de Protágoras, segundo o qual cada um de nós é a medida das coisas que são e das que não são (Pereira, 2006, p. 13).

No século passado, a epistemologia unitária ressoou fortemente na tese da unidade da ciência (*unity of science*) mobilizada pelos teóricos do empirismo lógico. Segundo eles, a unidade da ciência seria uma unidade de método e de linguagem que englobaria todas as ciências, naturais e sociais, e que funcionaria como critério normativo na demarcação entre o que é ciência e o que é metafísica. Cumpre mencionar que a unidade da ciência inicialmente pretendida pelos empiristas lógicos era de tipo reducionista, isto é, supunha que a tal linguagem única e comum seria aquela utilizada pela física. Alguns esforços na direção de algum tipo de unidade não-reducionista foram realizados por Otto Neurath, tendo em vista a promoção da cooperação científica em assuntos complexos investigados por diferentes áreas de pesquisa. Nesse caso, a ciência é vista como um mosaico e a unidade é pragmaticamente pensada como unidade na ação (Cat, 2017).

Resta agora saber: como fica a história da psicologia a partir da epistemologia unitária? Abib (2009) parte da visão de que Wilhelm Wundt e William James foram os mais bem-sucedidos pensadores na tarefa de estabelecer uma nova psicologia científica em oposição à psicologia vigente

à época. Como de costume, Abib brilhantemente explica e compara as linhas gerais dos projetos de psicologia desses dois autores, e não vejo outra maneira de resumir adequadamente o assunto senão recorrendo a recortes do texto original:

Para Wundt (1922 [1897]), psicologia como ciência é psicologia empírica. E, como tal, interpreta a experiência psíquica a partir da própria experiência psíquica; deduz os processos psíquicos de outros processos psíquicos; faz uma interpretação causal de processos psíquicos com base em outros processos psíquicos; não recorre a substratos diferentes desses processos, tais como uma mente-substância ou processos e atributos da matéria, para explicá-los. A psicologia empírica é focada na causalidade psíquica, e isso significa analisar a experiência a partir da própria experiência, fechando as portas às explicações metafísicas espiritualistas ou materialistas . . . A psicologia empírica de Wundt é psicologia fisiológica, o que a aproxima das ciências da natureza; mas o princípio dos resultantes criativos a aproxima das ciências da cultura (*Geisteswissenschaften*). Esse princípio é solidário com a causalidade psíquica e é incompatível com a causalidade física. Pois a causalidade psíquica é o tipo de explicação das ciências da cultura e não conduz à previsão e a causalidade física é o tipo de explicação das ciências da natureza e conduz à previsão. Devido à causalidade psíquica e ao princípio dos resultantes criativos, a psicologia de Wundt não é ciência natural: é uma ciência intermediária, situando-se entre as ciências da natureza e as ciências da cultura. (Abib, 2009, pp. 196-198)

Já no que diz respeito a William James:

James também é contundente quando critica o envolvimento da psicologia com a metafísica. Temas e questões de ordem metafísica, abundantes nos *Princípios de psicologia*, praticamente desaparecidos na *Psicologia: um curso mais breve*, são abertamente criticados no *Apelo para que psicologia seja uma ciência natural* . . . Para James (1962 [1892], 1983 [1892]), a psicologia como ciência é ciência natural. Melhor: a psi-

ciologia é como uma ciência natural . . . Como uma ciência natural, a psicologia estuda os fatos mentais, descrevendo-os e examinando-os em relação com o ambiente físico e com as atividades dos hemisférios cerebrais, bem como as atividades corporais que deles decorrem . . . James (1983 [1892]) argumenta, bem antes de Watson (1913), que, como todas as ciências naturais, o objetivo da psicologia consiste na previsão e controle práticos. Isso significa dizer que a psicologia deve ajudar homens práticos a solucionar seus problemas, fornecendo-lhes regras para a ação, ensinando-lhes como agir. (Abib, 2009, pp. 196-198)

Vemos que Wundt e James rejeitam a psicologia que os antecede, a qual era fortemente vinculada à metafísica. Porém, essa rejeição não é suficiente para se afirmar que suas respectivas visões coincidem a ponto de formarem *uma* ciência. Ou seja, a psicologia como uma ciência não nasce de um projeto comum ou unificado, tal como requer a epistemologia unitária. Isso nos leva a uma aporia: se não há unidade, então não se pode dizer tratar-se de uma ciência e, com efeito, não há como delimitar a história e a pré-história dessa ciência. Aliás, o desenvolvimento ulterior da psicologia tampouco caminhou em direção à unificação; pelo contrário, o que se observa é uma proliferação ainda maior de teorias psicológicas, muitas delas em franca contradição. Para o historiador da psicologia, a epistemologia unitária leva a um beco sem saída.

Epistemologia pluralizada e a história cultural da psicologia

A situação muda de figura se a olharmos a partir da epistemologia pluralizada. Por epistemologia pluralizada entende-se a teoria do conhecimento segundo a qual o conhecimento é plural — portanto, não é unitário. Sob essa perspectiva, as diversas ciências, construídas a partir de diferentes teorias, modelos e suposições, desenvolvem-se de maneira historicamente situada, de tal modo que o historiador de alguma dessas ciências deve considerar não apenas a lógica interna do debate teórico, mas também os condicionantes socioculturais que dão

sustentação material ao empreendimento científico. No caso da psicologia, a falta de unidade do campo não significa a inexistência de uma história da psicologia; significa, na verdade, a existência de uma história da cultura psicológica. Com efeito, no caso específico de Wundt, a fortuna crítica do seu projeto foi particularmente prejudicada por alguns condicionantes socioculturais:

Tradições de pensamento psicológico contêm ideologias, como a ideologia do controle social, e se defrontam com condições institucionais da academia, ambos os fatores participando ativamente do destino de tais práticas. De fato, não foi apenas a derrocada do estruturalismo de Titchener, ou a falsa continuação da psicologia de Wundt, que contribuiu para rejeitar a psicologia do psicólogo alemão. As condições da instituição acadêmica alemã, a ideologia do controle social da Segunda Escola de Leipzig, a prática de pesquisa de Clark, tudo isso determinou o destino da Primeira Escola de Leipzig na Alemanha e nos Estados Unidos. Como esse breve exame também mostra, com a derrota da Primeira Escola de Leipzig e do estruturalismo de Titchener, o caminho estava aberto para o funcionalismo e, posteriormente, para o behaviorismo e, no fundo, para uma orientação jamesiana na psicologia norte-americana. (Abib, 2009, p. 201)

Em comparação, Abib sustenta que o projeto de psicologia científica teve uma fortuna crítica bastante favorável, pois:

O pragmatismo e o empirismo radical de James são filosofias que fundamentam sua obra psicológica ou que são fundamentadas por essa obra ou ambas as coisas ao mesmo tempo. São essas filosofias que contribuem para estabelecer as bases da reflexão filosófica norte-americana. O ambiente psicológico e filosófico norte-americano era bastante receptivo à obra de James, até porque vinha, em parte, sendo modelado por essa obra, que é precursora do funcionalismo psicológico norte-americano . . . O projeto de James saiu duplamente vitorioso. Serviu para estabelecer as bases da psicologia norte-ameri-

cana e contribuiu para que a psicologia como ciência vingasse como sendo essencialmente um projeto norte-americano . . . O fato de que o projeto de James tenha firmado as bases do funcionalismo psicológico e preparado, desse modo, o caminho para o desenvolvimento posterior do behaviorismo, não foi, contudo, suficiente para conferir unidade à psicologia. (Abib, 2009, pp. 203-205)

De fato, a unidade da psicologia não é algo que encontramos numa história cultural da ciência. Todavia, segundo a epistemologia pluralizada, isso não desqualifica o relato histórico; pelo contrário, incrementa-o com considerações antropológicas. Para dar conta da pluralidade de visões que compõem a psicologia científica, a história terá um viés definitivamente antropológico.

Pluralismo das interpretações

O artigo de Abib aqui examinado fornece uma perspectiva cultural e antropológica da psicologia que escapa àquela aporia, suscitada pela epistemologia unitária, de que não pode haver uma verdadeira história da psicologia pois tal ciência não teria alcançado algum tipo de unidade. Desejo encerrar minha contribuição com algumas considerações adicionais sobre a relação da epistemologia pluralizada e a filosofia da ciência.

Atualmente há um grande debate a respeito do conceito de probabilidade na filosofia da ciência devido ao uso cada vez mais disseminado de modelos probabilísticos em várias áreas do conhecimento. No século passado, teorias tais como a mecânica estatística e a mecânica quântica passaram a empregar modelos que fornecem as distribuições de probabilidade dos fenômenos investigados, e o mesmo acontece hoje em dia em diversas outras áreas do conhecimento, principalmente naquelas onde os fenômenos apresentam alto grau de complexidade e de incerteza. Ocorre que o conceito de probabilidade é polissêmico, englobando ao menos cinco interpretações possíveis, a saber:

- Probabilidade clássica: a probabilidade de um evento é a chance de sua ocorrência, obtida

dividindo-se o número de casos de favoráveis pelo número de casos possíveis;

- Probabilidade frequencista: a probabilidade é o limite da frequência relativa de longo termo, obtida dividindo-se o número de eventos favoráveis pelo número de eventos favoráveis mais os eventos desfavoráveis;
- Probabilidade lógica: a probabilidade é a relação de implicação parcial entre as premissas e a conclusão de um argumento;
- Probabilidade como propensão: a probabilidade é uma disposição ou tendência para ocorrência de um evento;
- Probabilidade subjetiva: a probabilidade é a medida de nossa incerteza epistêmica sobre o quanto as evidências disponíveis dão suporte a uma hipótese.

As cinco interpretações acima elencadas são igualmente sustentadas pelo formalismo do cálculo probabilístico, ou seja, todas elas utilizam as mesmas fórmulas matemáticas. Porém, elas diferem no tocante ao que significa dizer que algo tem uma probabilidade de acontecer. Do ponto de vista da epistemologia unitária, apenas uma dessas interpretações é a correta e as demais estão equivocadas. Entretanto, não há sinal de consenso entre os especialistas a respeito disso.

Por outro lado, do ponto de vista da epistemologia pluralizada, a tarefa mais importante é a de distinguir e aplicar adequadamente cada uma dessas interpretações. A propósito, em um artigo intitulado *When speaking of probability in Behavior Analysis*, Johnson e Morris (1987) defendem que a explicação do caráter probabilístico do comportamento precisa passar por uma reflexão prévia sobre quais interpretações do conceito de probabilidade podem ser adequadamente empregadas. Com efeito, pelo menos duas daquelas interpretações precisam ser bem distinguidas:

- A interpretação frequencista de probabilidade, por exemplo, no modelo de tríplice contingência, quando se fala em aumento, ou diminuição, da probabilidade de uma classe de resposta;

- Uma interpretação subjetiva de probabilidade, por exemplo, quando se argumenta que a ciência do comportamento é probabilística em decorrência da incerteza dos dados disponíveis.

Os exemplos acima mostram duas interpretações distintas do conceito de probabilidade, aplicadas a contextos teóricos diferentes. Ocorre que ambas as interpretações são sustentadas pelo mesmo formalismo, de modo que não há contradição lógica entre elas. O pluralismo das interpretações do conceito de probabilidade não é um defeito que precisa ser remediado para que se alcance a unificação do conceito. Na verdade, tal pluralismo é resultado direto do fato de que um mesmo formalismo pode ser interpretado de maneiras diferentes, quando aplicado a contextos teóricos diferentes.

O texto de Abib (2009) mostra exemplarmente que a epistemologia unitária leva o historiador a aporia de não poder falar em uma história da psicologia científica em decorrência da ausência de unidade da área. Com efeito, a epistemologia unitária tem o efeito deletério adicional de empobrecer conceitualmente a filosofia da ciência, na medida em que não tira proveito da pluralidade das interpretações de um conceito tão fundamental como o de probabilidade. Uma epistemologia pluralizada, pelo contrário, enriquece o debate ao incorporar, e procurar claramente distinguir, as diferentes interpretações das teorias e modelos empregados na pesquisa científica.

Referências

- Abib, J. A. D. (2009). Epistemologia pluralizada e história da psicologia. *Scientiae Studia*, 7(2), 195-208. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200002>
- Ades, C. (2009). A expressão da modularidade. *Scientiae Studia*, 7(2), 283-308. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200008>
- Araujo, S. F. (2009). Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt. *Scientiae Studia*, 7(2), 209-220. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200003>
- Caropreso, F. (2009). Inconsciente, cérebro e consciência: Reflexão sobre os fundamentos da metapsicologia freudiana. *Scientiae Studia*, 7(2), 271-282. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200007>
- Cat, J. (2017). The unity of science. In E. N. Zalta (Ed.), *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. <https://plato.stanford.edu/entries/scientific-unity/>
- Johnson, L. M. & Morris, E. K. (1987). When speaking of probability in Behavior Analysis. *Behaviorism*, 15(2), 107-130.
- Kinouchi, R. R. (2009a). Entrevista com Arno Engelmann. *Scientiae Studia*, 7(2), 325-330.
- Kinouchi, R. R. (2009b). Tão perto, tão distante: William James e a psicologia contemporânea. *Scientiae Studia*, 7(2), 309-315. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200009>
- Laurenti, C. (2009). Criatividade, liberdade e dignidade: Impactos do darwinismo no behaviorismo radical. *Scientiae Studia*, 7(2), 251-269. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200006>
- Lopes, C. E. (2009). O projeto de psicologia científica de Edward Tolman. *Scientiae Studia*, 7(2), 237-250. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200005>
- Pereira, O. P. (2006). O conflito das filosofias. In O. P. Pereira (Org.), *Rumo ao ceticismo* (pp. 13-23). Editora Unesp.
- Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia*, 7(2), 221-235. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200004>

Histórico do Artigo

Data do Convite: 10/08/2022

Recebido em: 06/12/2022